

A LEITURA DE CLÁSSICOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

FRANCISCA OLIVEIRA*

Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras,
Santarém, PA, Brasil.

Recebido em: 29 mar. 2025. Aprovado em: 8 abr. 2025.

Como citar este artigo: OLIVEIRA, F. A leitura de clássicos nas aulas de língua portuguesa. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 2, p. 65-77, maio/ago. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n2p65-77

Resumo

O presente artigo aponta relevâncias e necessidades em exercitar a leitura literária dentro das aulas de língua portuguesa, sobretudo a de clássicos, como poemas, contos, romances e/ou fábulas. Para tal, sugere-se enfatizar uma abordagem mais estética, com a qual o leitor possa apreciar, emocionar-se, interagir e reconhecer-se dentro dos textos, a partir de suas temáticas, personagens e histórias. As observações partem de algumas leituras e falas de estudiosos da área de linguagens e literatura, visando não apenas um resultado pragmático, mas também um processo contínuo de aprendizagem, reflexão e criticidade.

* E-mail: fraciscacruz@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0006-6084-0601>

Palavras-chave

Leitura. Literatura. Clássicos.

INTRODUÇÃO

A leitura precisa se fazer presente diariamente na vida dos estudantes, pois sabe-se da importância e da necessidade dessa atividade na vida de cada um deles. Em especial a leitura literária, pois a “a literatura é plena em saberes sobre o homem e o mundo” (Cosson, 2021, p. 17). Nota-se, com tal perspectiva, que a literatura ocupa um papel fundamental na formação de crianças e adolescentes, contribuindo para que realizem uma leitura mais profunda e reflexiva da obra, de si e do mundo.

Nesse sentido, ler textos literários clássicos na escola, sobretudo nas aulas de língua portuguesa, serve como contraponto ao imediatismo da informação, pois em um mundo de excessos e notícias passageiras, os clássicos trazem uma leitura mais profunda e duradoura, principalmente por serem, como bem pontua Calvino (2007, p. 12), “aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”.

Ainda segundo Ítalo Calvino (2007, p. 10), “a escola deve fazer com que o aluno conheça bem ou mal um certo número de clássicos, dentre os quais (ou em relação aos quais) pode-se definir os ‘seus’ clássicos”. Assim, entende-se que é no ambiente escolar que crianças e adolescentes precisam ter acesso aos textos clássicos. No entanto, essa máxima não se concretiza por conta de certas limitações quando se trata da oferta desse tipo de material; em muitos casos, alunos e professores só têm acesso ao livro didático.

Aqui, vale ressaltar que o livro didático é um instrumento básico e uma poderosa fonte de conhecimento, o qual vem cumprindo seu papel como um dos elementos-chave para a funcionalidade de uma escola e para o sucesso do formador educacional. Entretanto, nem sempre tal material contempla leituras de clássicos literários – por isso a necessidade de o professor apresentar essas leituras e de a escola ofertar as obras ao seu corpo discente, disponibilizando-as em salas de leituras ou bibliotecas.

LEITURA LITERÁRIA: UMA ATIVIDADE NECESSÁRIA

A leitura pode estabelecer uma ponte entre o indivíduo e o mundo, uma vez que a sua prática viabiliza o acesso a inúmeras e distintas emoções; lugares desconhecidos; histórias e personagens inesquecíveis; assim como saberes que transcendem o tempo e o espaço. “Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época” (Jouve, 2002, p. 22); dessa forma, pode-se ampliar a compreensão sobre a vida e sobre si mesmo. Jouve (2002, p. 17), contudo, chama atenção para o seguinte:

A leitura é antes de mais nada um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano. Com efeito, nenhuma leitura é possível sem um funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro. Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos.

A fala do estudioso reflete sobre o fato de a leitura não ser algo simples, mas complexo e que exige um conjunto de percepções baseadas em processos fisiológicos e neurológicos. É o que se vê quando, a fim de alcançar certos objetivos, a realização da leitura se faz necessária, como para seguir um manual de instruções, conferir o passo a passo de uma receita culinária, realizar uma prova, entre outras necessidades cotidianas que conduzem à leitura. No entanto, Enes Filho destaca a leitura para fruição, com a qual se pode apreciar a beleza da linguagem, sentir emoções diversas e sonhar com outros mundos.

A leitura para fruição proporciona prazer, gozo, apropriação do texto pelo leitor. É uma leitura que transmite emoções e provoca uma sensação de que ler é um processo livre e natural, que traz liberdade de escolha e expressão ao indivíduo. O texto literário, além de várias outras funções, tem essa finalidade. Ele é essencial para que os alunos tomem gosto pela leitura, pois é emocionante e surpreendente (Enes Filho, 2018, p. 69).

Para além, o autor também aponta para o papel do texto literário nesse processo, indicando que ele não apenas cumpre diversas outras funções, mas também é essencial para despertar o gosto pela leitura nos alunos, justamente por sua capacidade de emocionar, descobrir e surpreender. Como diz Cândido (2011, p. 188), “a literatura corresponde a uma necessidade universal e que negar a fruição dela é mutilar a nossa humanidade”.

Nesse sentido, realizando a leitura do poema “Direitos das Crianças”, de Ruth Rocha, nota-se que este apresenta um tema universal – os direitos fundamentais das crianças, inspirado na Declaração dos Direitos da Criança da ONU (1959) – de forma lúdica. Mesmo tendo sido escrito há décadas, o poema é um texto atemporal, pois sua mensagem sobre os direitos das crianças continua atual e relevante, atraindo crianças e adolescentes para uma leitura envolvente, informativa e emocionante.

A obra fala sobre direitos básicos como amor, educação, moradia e dignidade, temas que ultrapassam gerações. É um texto de linguagem simples, bem acessível a qualquer leitor; excelente para ser trabalhado em sala de aula, ensinando valores como respeito, igualdade e proteção à infância. Sua importância pedagógica e social é tamanha que o estabelece como um clássico da literatura infantil brasileira.

Conforme Gregorin Filho (2009, p. 51) pontua, aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar e de interagir com o mundo que o rodeia, tornando-se agente de modificação da sociedade em que vive.

Partindo desse princípio, entendemos que a leitura e a literatura podem ser instrumentos ativos, fundamentais na formação e no crescimento pessoal e coletivo, pois a leitura amplia o repertório linguístico e crítico do leitor; a literatura proporciona diferentes perspectivas e conhecimentos, e ao adquirir conhecimento e pensamento crítico, o leitor se torna capaz de questionar, refletir e agir para transformar a sociedade.

Nesse sentido, tem-se a fala de Cosson (2021, p. 17):

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim sermos nós mesmos.

Ressoando Cosson, Lajolo (2018, p. 55) coloca que:

A literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na

última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um.

Ambos os estudiosos destacam o papel transformador da literatura, ressaltando seu poder de ampliar a vivência humana, bem como de possibilitar que o leitor transcenda as próprias limitações e explore diferentes perspectivas, tempos e espaços, sem deixar de ser quem é. Assim, deve-se reconhecer que a leitura literária é de suma importância dentro e fora dos muros escolares, sendo uma atividade necessária à formação omnilateral do ser humano.

TEXTOS CLÁSSICOS: UMA LEITURA RELEVANTE

A palavra clássico vem do latim *classicus*, inicialmente relacionado a uma classe social de elite na Roma Antiga. Depois, o termo migrou para o campo da cultura e da arte, significando aquilo que é superior, exemplar, digno de se tornar modelo, um conceito que carregamos até hoje. De acordo com Massaud Moisés (2004, p. 72), em seu *Dicionário de termos literários*, o clássico está diretamente relacionado a autor que se lê nas escolas, como atestado de sua excelência.

Entende-se, dessa forma, que textos literários clássicos são obras que atravessam o tempo e continuam sendo relevantes por seu valor artístico, temático e cultural. Eles geralmente possuem uma linguagem refinada, exploram questões universais da condição humana e influenciam outras obras literárias. Ítalo Calvino (2007, p. 8) comprehende que os clássicos são aquelas obras que trazem consigo marcas das leituras que precederam ao tempo atual e que têm, atrás de si, os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou, mais simplesmente, na linguagem ou nos costumes). A partir de tal entendimento, pode-se apontar as fábulas, um dos gêneros textuais muito utilizados na sala de aula, demonstrando sua força em resistir ao tempo, pois, registradas na Grécia Antiga, ainda permanecem vivas.

As fábulas são narrativas curtas, geralmente protagonizadas por animais com características humanas, que trazem uma lição moral no final. Elas trazem reflexões simples, mas profundas sobre o comportamento humano, usando figuras de linguagem compreensíveis. É desse modo que elas continuam sendo usadas na formação educacional de crianças, adolescentes e adultos para ilustrar conflitos, dilemas e lições de vida. Alguns desses clássicos são: “A raposa e

as uvas”; “A lebre e a tartaruga”; “O lobo e o cordeiro”; “A cigarra e a formiga”; “O leão e o rato”, entre outras produções atribuídas a Esopo e depois recontadas por autores como La Fontaine e Monteiro Lobato.

Entretanto, nem só da antiguidade vêm os clássicos. Talvez a primeira ideia que se tem quando falamos em textos clássicos é que sejam apenas narrativas ou poemas antigos, mas não, pois existem obras como *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960, que, por sua relevância literária, social e histórica, bem como profundidade, impacto duradouro e reconhecimento crítico, pode ser considerada uma obra clássica da literatura brasileira, logo, é uma leitura pertinente.

A obra trata de temas universais como pobreza, desigualdade social, racismo e resistência. Rompendo com a hegemonia literária da época, o livro que dá voz a uma mulher negra e favelada inspirou muitos escritores contemporâneos, principalmente na literatura marginal e na literatura afro-brasileira, e continua sendo lido, estudado e reeditado, mostrando sua atemporalidade e confirmado seu *status* de clássico.

Para Calvino (2007, p. 8), “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira”. *Quarto de despejo...* é uma dessas leituras, pois cada vez que acontece um reencontro, o texto aguça um novo olhar. A leitura muda porque nós mudamos, e o texto se revela de novas formas conforme a maturidade do leitor.

Outra leitura significativa é a de *Dom Quixote*, escrito por Miguel de Cervantes e publicado em duas partes (1605 e 1615), um dos maiores clássicos da literatura mundial. A obra é considerada o primeiro romance moderno e uma das narrativas mais influentes de todos os tempos, combinando humor, aventura e reflexão.

O livro conta a história de Dom Quixote, um fidalgo espanhol que enlouquece de tanto ler romances de cavalaria. Convencido de que deve se tornar um cavaleiro andante, ele sai pelo mundo em busca de aventuras heroicas. Montado em seu cavalo Rocinante, e acompanhado por seu fiel escudeiro, Sancho Pança, Dom Quixote luta contra inimigos imaginários, como os famosos “moinhos de vento”, que acredita serem gigantes malignos. Na obra, Cervantes explora a construção da identidade e os limites entre sanidade e insanidade.

Como outra leitura expressiva e indispensável a qualquer sujeito, tem-se o poema “A rosa de Hiroshima” (1954), de Vinicius de Moraes, uma das obras mais marcantes da poesia brasileira, escrita como uma forte crítica às consequências da bomba atômica lançada sobre Hiroshima, no Japão, em 1945.

Moraes descreve uma rosa que não é bela, mas sim um símbolo de destruição, sofrimento e morte. Os versos curtos e as repetições constroem uma imagem triste e desoladora da tragédia causada pela bomba, lembrando as vítimas e o horror da guerra. Os temas tratados são diversos, mas os que mais chamam atenção são as consequências do conflito, memória e desumanização, revelando sua relevância e atemporalidade.

Além disso, o poema tem uma linguagem poderosa, um forte apelo emocional, continua atual como crítica à violência e às guerras no mundo, emocionando pela sua delicadeza e força. O poema foi musicado na década de 1970, o que o tornou mais conhecido ainda.

Mais uma leitura clássica de muita relevância, constantemente vista em leituras comentadas e dramatizações, é a do romance *Escrava Isaura*, escrito por Bernardo Guimarães e publicado em 1875. O livro é um dos textos mais conhecidos do Romantismo brasileiro. A história que denuncia a crueldade da escravidão, apontando as injustiças do sistema escravocrata, foi imortalizada em diversas adaptações televisivas.

Portanto, considera-se que os clássicos proporcionam prazer estético e intelectual, pela riqueza da linguagem e das ideias, despertando o prazer da leitura – mesmo sendo leituras desafiadoras, a depender do público leitor. Para além disso, as obras clássicas conectam o leitor à própria humanidade, pois os temas universais tratados pelos clássicos, como amor, morte, poder, medo, justiça, mostram como, apesar do tempo, certas questões continuam presentes na vida humana.

A LEITURA DE CLÁSSICOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A leitura de textos clássicos dentro da sala de aula, em específico de língua portuguesa, é uma prática pertinente que gera resultados concretos. Realizar leituras de poemas, romances, contos e outros gêneros textuais literários, preferencialmente os clássicos, não desprezando os demais, é claro, é de suma importância por vários motivos, dentre eles a formação de um repertório literário.

As fábulas são as leituras que mais chamam a atenção e envolvem os alunos. Durante a leitura desse gênero, em experiências pessoais, estudantes integram bastante, divertem-se, emocionam-se e levam muito a sério a questão da lição, da moral que cada fábula traz. Muitos deles compartilham experiências semelhantes de situações vividas com a família ou amigos.

As mais criativas e belas dramatizações, produções e releituras realizadas são aquelas embasadas nas fábulas, abordando, sobretudo as lições de vida que cada uma carrega. “A lebre e a tartaruga” ensina sobre persistência e o perigo da arrogância; o enredo de “O lobo e o cordeiro” é um retrato da injustiça social e da força bruta sobre a razão. Uma das mais conhecidas e estudadas certamente tem uma cigarra e uma formiga como personagens principais, e suas reflexões giram em torno do trabalho, planejamento, responsabilidade e até solidariedade em algumas versões. Já o ensinamento apontado na fábula “O leão e o rato” está relacionado com humildade, gratidão e solidariedade, mostrando que todos têm valor, independentemente do tamanho ou da força. Percebe-se, então, que todas as fábulas citadas trazem de alguma forma aspectos atemporais e temas relevantes, reafirmando sua categoria de clássica.

Cosson (2021, p. 30) destaca o papel relevante da leitura literária no ambiente escolar, dizendo que:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

O autor ainda aponta que a principal função da literatura é oferecer ao leitor as ferramentas necessárias para compreender e dominar a linguagem, algo essencial para interpretar o mundo à sua volta, uma vez que, ao lidar com diferentes estilos, narrativas e construções de sentido, a leitura literária desenvolve sua capacidade crítica, amplia seu vocabulário e fortalece sua habilidade de articular ideias de forma mais consciente e eficaz.

No tocante a essas habilidades, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que descreve as aprendizagens básicas e essenciais para todos os estudantes brasileiros durante o ensino básico. Nele, uma das competências da Língua Portuguesa afirma que o aluno deve:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2017, p. 87).

Observamos que o texto valoriza a leitura literária como uma prática essencial para a formação estética, cultural e humana, destacando seu poder de encantar, transformar e humanizar o leitor, ao passo que aponta a necessidade da realização da leitura dos textos literários como atividade imprescindível a ser aplicada continuadamente dentro da sala de aula.

Diante disso, uma das estratégias pedagógicas constantemente utilizadas durante as aulas de língua portuguesa é a leitura colaborativa, a qual estimula a compreensão crítica, a troca de ideias e a aprendizagem coletiva, de modo a intensificar a relação dos alunos com a leitura literária. Uma das formas de se realizar a leitura colaborativa é a leitura compartilhada: o(a) professor(a) lê em voz alta enquanto os alunos acompanham, comentam ou fazem perguntas; dessa forma, o grupo consegue interagir simultaneamente na construção de significados e consolidação da atividade leitora.

No decorrer das leituras, alunos e professor(a) trocam percepções sobre um poema, uma narrativa. Todavia, é importante destacar que discentes precisam estar bem inteirados das histórias narradas e temáticas tratadas, para que consigam elucidar o processo de desenvolvimento das leituras, conferindo elementos atrativos a elas, bem como enriquecendo e favorecendo uma expansão na relação entre alunos e textos lidos. Para Jouve (2002, p. 19):

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influí igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção.

O autor comprehende que a leitura não é apenas um ato intelectual, mas também um processo profundamente movido pela afetividade e subjetividade, reconhecendo que a leitura envolve a reflexão do leitor. No entanto, enfatiza que sua influência se dá, sobretudo, no campo da afetividade, observando que a conexão emocional com personagens e situações da ficção é um dos principais impulsionadores da experiência literária, ou seja, o encanto da leitura reside, em grande parte, nas emoções que ela desperta.

Dessa forma, quando os alunos se reconhecem dentro dos textos compartilhados em sala de aula, sua interação certamente se dá de forma mais densa e significativa. Pode-se pensar como exemplo o conto maravilhoso *Chapeuzinho Vermelho* (1812), dos Irmãos Grimm, no qual a personagem, após ser resgatada pelo caçador, reflete sobre o que aconteceu e aprende uma lição. No

final, ao encontrar outro lobo, ela não cai no truque novamente e age com mais cautela. A atitude mostra o amadurecimento e aprendizado da menina em relação ao erro anterior. Assim, ao terminar a leitura, a pessoa educadora pode reforçar a ideia de que as crianças devem obedecer aos pais e serem cuidadosas com estranhos.

Ainda segundo Jouve (2002, p. 128), ao levar o leitor a integrar a visão do texto à sua própria visão, a leitura não é em nada uma atitude passiva. O leitor vai tirar de sua relação com o texto não somente um “sentido”, mas também uma “significação”. Portanto, a leitura é um processo ativo, que acontece como um ato de interação e construção de sentido a partir de percepções e experiências; e não passivo, no qual o leitor apenas recebe informações.

Enes Filho (2018, p. 72) enfatiza que na sala de aula, os textos literários precisam fazer parte da rotina dos alunos e professores. Não é possível desenvolver uma leitura para fruição sem a presença de textos que despertem o verdadeiro sentido do prazer de ler. Diante disso, destacamos a importância não só dos textos literários, mas, indispensavelmente, da leitura dos clássicos literários nas aulas de língua portuguesa.

O autor (2018, p. 74) acrescenta que a leitura precisa ser vista como uma possibilidade de indagar, pesquisar, criar, recriar, de maneira que a literatura venha ter uma função real na vida do educando, seja social, recreativa ou estética. Provocações como essa são encontradas no conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti.

Apesar de ter uma estrutura simples de conto, seu tom poético, simbólico e filosófico é envolvente. A história da mulher que tece e destece sua realidade é uma metáfora poderosa sobre a autonomia feminina, a solidão e o desejo, ou seja, aborda uma temática social relevante, permitindo diversas discussões e reflexões sobre a vida da mulher na sociedade. Seu valor literário e simbólico consolidou-o como um clássico na literatura brasileira, mesmo sendo uma publicação do século XX. Vale ressaltar que, em uma das publicações mais recentes ainda, a obra traz uma imensa riqueza de imagens bordadas por mãos femininas nas capas.

É preciso destacar a importância de uma construção coletiva no processo de formação leitora, em que professores sejam mediadores, o aluno, aprendiz e a escola, a responsável em garantir o acesso às obras literárias de grande qualidade estética. Lembrando que, nesse processo interativo, professores também devem ser responsáveis por escolher as obras a serem oferecidas aos alunos, observando diversos critérios, particularmente em relação aos clássicos, como:

universalidade, atemporalidade, riqueza de linguagem, valor estético e filosófico, formação de referência cultural, além de personagens ou enredos icônicos.

Contudo, é necessário ressaltar que nem sempre é possível oferecer aos alunos as versões originais das obras nas escolas, principalmente quando se trata de romance, já que são mais extensos e o tempo em sala de aula não comporta sua leitura completa, por mais que se recorra a inúmeras estratégias de leitura – desde o empréstimo para levar para casa até a leitura feita em um estilo semelhante ao da radionovela, realizada por capítulo ou parte dele, o que pode levar meses, dependendo da quantidade de páginas.

Outra dificuldade que encontramos é em relação à quantidade de exemplares da mesma obra; geralmente a escola só dispõe de um título, e, diante desses limites, muitas vezes o professor precisa optar por obras condensadas ou cópias dos textos mais curtos, como contos e fábulas, o que não impede a leitura tão necessária e relevante dos clássicos na escola.

Portanto, as razões abordadas e outras mais não citadas apontam claramente a grande relevância e necessidade em desenvolver atividades no ambiente escolar envolvendo as obras clássicas, sejam elas antigas, contemporâneas ou modernas; fato é que é preciso dar aos alunos a oportunidade de conhecer essas preciosidades, adquirindo um possível repertório literário, valioso na formação educacional e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo verificou que a leitura, em determinado momento, chega a ser algo pessoal. A leitura de cada um traz uma experiência peculiar. Notadamente a leitura literária aflora sentimentos, gerando um certo refinamento do espírito, acarretando percepções sobre o mundo, as pessoas e as relações existentes. O mais importante no processo de leitura é pensar que a cada intervenção do(a) professor(a), o aluno pode adquirir maior autonomia no ato de ler e realizar uma leitura mais independente.

O texto clássico, sendo ele antigo ou contemporâneo, é revestido de uma imensa carga de ensinamentos e conhecimentos, o que faz dele uma leitura necessária, relevante e atemporal, capaz de dialogar com diferentes épocas e contextos, provocando reflexões profundas sobre a sociedade, a cultura e a condição humana, por isso a importância em exaltar o valor dos clássicos, assim como cultivar e fortalecer a relação com a literatura clássica.

Um clássico é aquele livro ou texto que sempre tem algo novo a dizer, independentemente da época em que foi escrito; ele permanece relevante e oferece uma experiência de leitura sempre nova, ou seja, como diz Calvino (2007, p. 8), “nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Aqui, defende-se que a leitura dos textos clássicos deve necessariamente fazer parte da formação leitora, mas não como imposição ou somente com o intuito de desenvolver o ensino pragmático, mas também como um convite à construção de um diálogo contínuo com o passado, pois sempre haverá algo novo a se descobrir ou a se dizer sobre ele.

Portanto, percebemos que, para que a leitura dos textos clássicos aconteça na escola, sobretudo nas aulas de língua portuguesa, é preciso um conjunto de fatores em conexão constante: oferta das obras literárias, professores com uma boa formação de repertório literário e disposição para propor e realizar as atividades leitoras, e principalmente um aluno disposto a se permitir interagir no desenvolvimento das atividades propostas.

Sem dúvida, toda leitura tem sua importância, mas certamente a leitura de um texto literário clássico tem seu valor ímpar, um impacto relevante na vivência do leitor, pois “a literatura nos diz quem somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (Cosson, 2021, p. 17), e a cada leitura realizada, esta, de certa maneira, deixa uma sementinha na formação educacional de cada estudante. Semente que está pronta para germinar a qualquer momento no decorrer da formação pessoal de cada sujeito.

Reading classic literature in Portuguese language classes

Abstract

This article highlights the importance and necessity of engaging in literary reading within Portuguese language classes, especially the reading of classics such as poems, short stories, novels, and/or fables. To this end, it suggests emphasizing a more aesthetic approach, allowing the reader to appreciate, be moved, interact with, and recognize themselves within the texts through their themes, characters, and narratives. These reflections are based on selected readings and statements from scholars in the fields of language and literature, aiming not only for pragmatic outcomes but also for a continuous process of learning, reflection, and critical thinking.

Keywords

Reading. Literature. Classics.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2017.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CANDIDO, A. *Vários escritos: o direito à literatura*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed.; 11. reimpr. São Paulo: Contexto, 2021.

ENES FILHO, D. B. *Letramento literário na escola: a poesia na sala de aula*. Curitiba: Appris, 2018.

GREGORIN FILHO, J. N. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

JOUVE, V. *A leitura*. São Paulo: Unesp, 2002.

LAJOLO, M. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAES, V. de. A rosa de Hiroshima. In: MORAES, V. de. *Poemas*. São Paulo: Breve Companhia, 2013.